

DE ELEMENTO NATURAL A INSTRUMENTAL TÉCNICO: algumas reflexões sobre o corpo

*Joselito Santos**
*Vânia de Vasconcelos Gico***
*Luciana Araújo dos Reis****
*Stênio Fernando Pimentel Duarte*****

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir como o corpo é atravessado pela sociedade e pela cultura moderna e pós-moderna, que constituem processos históricos que redimensionam a noção e o uso do corpo pela sociedade. Parte-se, então, da percepção do corpo como social e culturalmente construído nestes mesmos processos. Nesta reflexão, busca-se caracterizar o corpo na modernidade como elemento de uso racional, sobre o qual incide uma série infindável de exigências para dar conta de todo o esforço moderno, através da noção de progresso engendrada pela ciência e pela técnica, como forma de impulsionar a ideia industrial de produção. Ao refletir sobre a pós-modernidade, discute-se que a sociedade é mergulhada ainda mais na fé do progresso, desta vez, com base no virtual e no consumo, e caracterizada pela velocidade das transformações sociais cujos desdobramentos alcançam o corpo individual e social. Operado pelo mundo tecnológico da imagem e da comunicação que define o consumo, o corpo torna-se senha de acesso ao mundo social e cultural, bem como muito indica sobre o modo de ser e viver da sociedade atual.

*Doutor em Ciências Sociais pela UFRN. Docente da Faculdade Independente do Nordeste. E-mail: jslito@yahoo.com.br

**Doutora em Ciências Sociais – Antropologia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo UFRN. E-mail: vaniagico@gmail.com

***Doutora em Ciências da Saúde pela UFRN. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB) e da Faculdade Independente do Nordeste(FAINOR). E-mail: lucianareisfainor@gmail.com

****Docente da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). E-mail: steniofernando@gmail.com.

Palavras-chave: Corpo. Modernidade. Pós-Modernidade.

1 REFLEXÕES INICIAIS

O homem cria diversos meios e e tecnológica, apropriando-se, dominando e variadas formas para existir nas esferas social, transformando a natureza em prol de si. Por econômica, política, cultural, científica conseguinte, estende esse domínio a toda

sociedade e aos seus sujeitos sociais e às suas manifestações materiais e subjetivas, biológicas e anatômicas, físicas e psicológicas, mentais e corporais ao longo de sua história.

Nesta perspectiva, insere-se o corpo nesta configuração, elemento mais que biológico, produzido na esteira do social e do cultural. Siebert (1995) fazendo uma reflexão sobre o corpo, considera que o termo faz remeter ao processo histórico que “produz” essa reflexão e às relações de poder e ao confronto de “interesses” que ocorrem na sociedade e que irão refletir sobre o processo histórico do mesmo.

Medina (1987) sugere que o corpo não pode ser visto como um simples objeto de produção – acrescenta-se como bem o fez a modernidade, especialmente no período da revolução industrial – e de consumo – como bem o faz a pós-modernidade – como se fosse uma máquina, resultado de uma visão racional e biomecânica, cujo mau funcionamento resulta de um defeito em uma dada peça, num dado mecanismo que precisa ser consertado, refeito, sintetizado.

Nesse processo é importante notar que toda essa discussão também resulta de uma necessidade de compreender e significar o corpo na história. Resgatando a história, Siebert (1995) lembra que a cultura do corpo consolida-se conjuntamente com o processo

de formação de nações modernas dominantes por uma classe social, integrando-se à nova ciência do mundo contemporâneo que rompia com o domínio da interpretação. Os diferentes perfis corporais são construídos socialmente, a exemplo de que, do mesmo modo que o corpo gerado pela filosofia não corresponde à realidade do corpo existencial do homem e sim às exigências da racionalidade, que no fundo sustenta valores socioculturais, legitimando projetos econômicos e políticos. Por este raciocínio, compreende-se a definição do perfil do corpo do homem baseado em cada época em que se situa, de acordo com valores, as exigências e os interesses de projetos elaborados pela classe dominante.

2 O CORPO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

Em todas as manifestações culturais, incluindo-se aí o corpo, a tecnologia proporciona a grande racionalização da falta de liberdade do homem e demonstra a impossibilidade técnica de ele ser autônomo, de determinar pessoalmente a sua vida, sujeitando-se ao instrumental técnico como forma de intensificar a produtividade do trabalho. Dessa forma o corpo passa a ser pensado não mais como vida/expressividade, e sim como objeto técnico instrumental que opera como autômato. Funciona pela

previsibilidade e é controlável pelos cálculos qual máquina (SIEBERT, 1995).

Galbraith (apud SIEBERT, 1995) explica que é preciso compreender como os nossos viveres cotidianos são condicionados pelo sistema industrial, significando dizer que o sistema social encontra-se dominado pela tecno-estrutura. Significa dizer que, no dia-a-dia do trabalho heterônomo e rotineiro, o homem é transformado em mero instrumento para ganhar mais para mais consumir no nível da sociedade e da cultura mundial. Em todas as culturas há uma leitura ou interpretação do corpo, bem como tecnologias que proporcionam formas de racionalização, que levam à perda de liberdade do homem, que demonstra uma necessidade de aparatos tecnológicos, a impossibilidade de autonomia, de determinar pessoalmente a sua vida, sujeitando-se ao instrumental técnico como forma de intensificar a produtividade do trabalho ou a obtenção de objetos de desejos. Dessa forma, o corpo passa a ser pensado não mais como vida/expressividade, mas sim como objeto técnico instrumental, passível de falhas ou reparos. Funciona pela previsibilidade, sendo controlável pelos cálculos tal qual uma máquina (SIEBERT, 1995).

Por outro lado, reconhece-se que o homem precisa produzir para manter-se. Para

tal empreendimento, produz transformando a natureza através de suas ações cotidianas, ao mesmo tempo em que transforma a sua própria natureza visando o seu sustento. Como bem pondera Nobre (2005), até quando se movimenta ele interfere no seu corpo, que também é natureza. Como bem asseverou Marx (2005), ao trabalhar e explorar a natureza, o modifica o que naturalmente lhe foi dado, nisso incluídos braços, pernas, cabeças, mãos e porque não dizer todo o seu organismo é modificado, tornado por ele produto, bem material e objeto de utilidade para si e para os outros. Ao modificar a natureza externa o homem se modifica, e desperta as forças da natureza ao seu domínio, a exemplo do corpo que, no mundo atual, é constantemente modificado e produzido, transformado em mercadoria.

Desse modo, é possível afirmar que a ação capitalista converte os meios sociais de vida e torna os homens dependentes da máquina e que acabam por apenas responder aos pressupostos de uma racionalidade instrumental. Com a adoção de um mundo mecanizado, objetivo e dito “racional”, desdobrou-se sobre o domínio do corpo da sociedade no sentido estrito do termo. Daí aproximar-se dessa adoção o que o pensamento de Descartes que engendra o

mundo através de sua proposta de racionalidade (LUZ, 1988).

Para a plena expansão da era industrial, o modelo racionalista-tecnicista institucionalizou a produção como forma de conseguir uma sociedade mais justa e promissora, a propósito disso, serve de exemplo a “fé” de Durkheim (1999) em uma sociedade solidária, que deveria ser mantida em ordem para prosperar, cuja anomia seria um risco fatal. Atravessando esse pensamento e essa conjuntura ou na condição de um sujeito epistêmico novo (cartesiano) o corpo passa então a ser exigido para dar conta de toda essa promessa. Operado por uma lógica de expropriação do trabalho, que deveria residir no próprio corpo do indivíduo, o homem moderno passou a realizar projetos que necessitavam da força de trabalho operária e, por conseguinte, começa a operar sobre ela toda a sua lógica: a do capitalismo, cujas obra de Marx constitui sua crítica.

O homem deveria atender às exigências do mundo que se anunciava como aquele que traria melhores condições de vida, como bradavam muitos. Tal promessa teve de construir-se através de muito sacrifício e trabalho. Isso porque uma sociedade industrial não poderia ser operada senão pela mão-de-obra operária e sob uma base de exploração da natureza pelo homem, do homem pela

exploração de corpos para dar cabo ao funcionamento de todo maquinário e para operar a máquina que fez do próprio corpo do homem uma máquina, o que culminaria em mais formas de exploração e de usos do corpo além daqueles engendrados até então. Para tal modelo, compor mão-de-obra para dar conta de todo o sonho moderno, deveria ser conjugado a um exército de homens dispostos a trabalhar em máquinas desumanas e pujantes, símbolos da glória do cientificismo e da corrida para dotar a humanidade de novos objetos de uso, cuja fabricação não refletiria sucesso senão pela expansão de grandes fábricas e de “grandes” máquinas, como símbolos do processo “miraculoso” que tornaram, irreversíveis, capitalismo e industrialismo. São essas características fundamentais da modernidade que irá forjar o corpo.

A propósito dessa modernidade, Silva (1999) reflete que ela é a responsável pela transformação do ser humano em objeto de conhecimento, com um incremento do interesse pelo corpo, com base nas diferentes perspectivas colocadas para a sociedade e nos conflitos de interesses presentes. Neste ínterim, constituirão o desenvolvimento de uma medicina privada, formada com base nos interesses do mercado que se estrutura, e o desenvolvimento de uma medicina voltada

para o corpo social que se expande em dois focos de atenção. Não obstante a ciência e racionalidade desempenham um papel fundamental. É nesse cenário que “as percepções em torno do corpo vão estar profundamente relacionadas com as novas percepções de universo e de sociedade que vão se popularizar a partir dos avanços dessa produção científica” (SILVA, 1999, p.11).

Como bem pondera Silva,

O corpo passa a ser dotado de uma força própria, é uma nova energética que vai abrir caminho para a representação corporal, não mais como matéria inerte, como estruturada a partir do exemplo da máquina a vapor. A perda com a vinculação à alma – se a propósito se pensa na filosofia cartesiana e na ideia de um mundo mecânico newtoniano – é compensada pela dinamicidade proveniente da força mecânica que é atribuída ao próprio corpo (SILVA, 1999, p. 14, grifo nosso).

O forjamento da imagem corporal tem a ver com a transformação social marcada pelo individualismo, que é a “expressão ideológica do capitalismo industrial”. Através desse processo, enfatiza-se o individualismo das partes do corpo, e por conseguinte, das partes que constituem a sociedade como resultado da individualidade humana, que mecanicamente percebe o funcionamento do corpo e elimina “os vínculos com a percepção da alma como fonte energética”. Nesta perspectiva, a ciência constituirá a orientadora

nas sociedades de mercado, com a livre circulação de mercadorias” [...] (SENNETT, 1997, apud SILVA 1999).

Esse panorama se desdobraria na concepção de implementar modos de trabalho que explorassem ao máximo a eficiência das máquinas, cujo esforço de uma tecno-burocracia capitalista-industrial, que bem se desenvolveria no século XX, significava dotar a vida social de uma consistência que lhe permitisse reproduzir em todas as esferas da sociedade a ideia de “salvação” dos indivíduos pelo modelo industrial, de modo que os indivíduos estendessem tal modelo aos espectros de todas as esferas da vida. Imprimia-se então, um ritmo acelerado com a expansão das cidades e uma considerável fuga de homens do campo para esses espaços. As cidades tornavam-se assim, o palco de todo esse milagre – objetiva expansão das cidades – e de miragem, conquanto a cidade não traria a melhoria das condições de vida prometida, principalmente à grande massa de operários que viam nas cidades a chance de “salvação” via grande promessa dos donos do saber e do capital.

Ao lado da intensa vontade de reinar, o capitalismo e a indústria sobre a natureza das coisas, imprimiam também grande esforço na certeza de produzir cada vez mais, bem como para dotar o mundo de abundância que

serviria, não aos operários que desprendiam força de seus corpos para dar conta desse processo, mas àqueles que pudessem obter, pelo capital, o resultado da transformação da matéria-prima: a mercadoria. A mercadoria deixava de ser um bem transformado pelas mãos e corpos operários, que de certo modo se alienam, e por conseguinte, resultado de seu esforço que deveria trazer melhores perspectivas pessoais e de auto-realização, na verdade passa a ser posse de uma parcela social que tem condição de adquiri-la.

Como bem retomou Bresser-Pereira (1977, p. 78), as características históricas mais gerais do modo de produção capitalista analisadas por Marx referem-se: (a) o surgimento do capital e, portanto, da relação de produção capitalista, através da separação dos instrumentos de produção dos trabalhadores e sua apropriação pela burguesia; (b) a generalização da mercadoria, ou seja, a transformação de todos os bens em mercadorias com valor de troca; (c) o surgimento do trabalho assalariado, ou seja, a transformação do trabalho também em mercadoria; (d) a apropriação do excedente econômico pela burguesia através da obtenção de lucros (mais-valia); (e) a incorporação sistemática do progresso técnico, visando ao aumento da produtividade (mais-valia relativa) - condição básica de

sobrevivência e da obtenção de lucros por parte das empresas; (f) a multiplicidade de pequenas e médias empresas agindo em um mercado concorrencial sob a coordenação do mecanismo dos preços.

Centrando foco no processo produtivo, especificamente os espaços de produção capitalista moderna, a indústria, o movimento exigido para os desdobramentos de sua expansão nas formas de pensar e agir social, também intensificou a exigência do homem trabalhador para suprir as necessidades produtivas. Mais que a propagação e implementação de idéias dominantes, a modernidade de triplo eixo – ciência, técnica e indústria – não se manteria pelo projeto moderno senão pela exploração e desgaste de corpos operários. Para reger uma “grande orquestra” como a dos grandes pátios industriais era necessário muito mais que máquinas e política, era necessário, além de convencer mentes e pessoas, convencer o corpo de sua “importância” para movimentar o progresso prometido pelo discurso modernista. Dessa forma, produzir máquinas e implementos, peças ferrosas e materiais, prensas e parques industriais, exigia a domesticação de pessoas em turnos incessantes de trabalho. Isso ocorria concomitantemente a um processo irreversível da transformação da natureza, sendo tal

processo, concebido como – nada mais – o de uma era de *transformação natural das coisas*. Por essa visão natural de transformação, o mundo dispunha de todas as matérias, cabendo ao homem também dominá-lo, transformá-lo, submetê-lo, pelas habilidades e força de suas mãos e do seu corpo, à prova da eficiência maquinal, não mais pela divindade, desta vez pela técnica, visando viabilizar a apropriação de todos os seus espaços, sendo a cidade e as grandes fábricas o lócus de todo o processamento e as máquinas o elemento cerne.

As cidades funcionando como as matrizes e matizes das grandes fábricas, viram surgir, irremediavelmente, uma corrida pela conformação do modelo, que deveria ocorrer, é claro, pelas mãos dos homens. Das mãos dos detentores do capital, da expropriação, da intelectualidade e dos gozadores de privilégio nas esferas governamental, social e capital, deveriam surgir e multiplicar-se os planos de expansão, as idéias e os projetos modernos, o que significou mais expropriação e mais trabalho. Daqueles que dispunham da força de trabalho – mão-de-obra – exigia-se força e crença de estarem percorrendo um caminho certo, reto e confiável pela abundância e certeza, certeza pelo trabalho.

Não foi isso que ocorreu. Imprimiu-se um concurso de projetos modernos que

intensificou a estratificação social que depreciou, sobremaneira, os corpos dos homens em prol da máquina transformadora do mundo e do corpo social. Para dar conta das fatigantes e intermináveis horas de trabalho, em locais insalubres, exigia-se dos corpos mais que execução de tarefas, exigia-se superação além do limite. Chaminés, vapores, resíduos tóxicos, falta de condições de trabalho, negação de direitos, cidades inundadas de gente e de promessa, além da falta de estrutura cidadina, eram pano de fundo do modelo, cujos efeitos danosos atentavam contra a vida dos trabalhadores e, por extensão, contra todo o corpo social.

O progresso salvaguardava-se na ostentação de que era preciso produzir cada vez mais para crescer de igual modo. A preocupação residia em produzir quantitativos. O quantitativo significava convencer pessoas e dispô-las a trabalhar para produzir ainda mais para a sociedade progressista, sem que isso significasse, de fato, melhoria social. Dessa forma, a ciência, a técnica, a indústria, como símbolos da objetividade racional, avolumava-se em acumulação capitalista e distanciava-se muito de seu profético discurso de libertação social e de mundo universalista. Praticava-se uma incessante luta contra o tempo, como se o homem devesse desconsiderar seu próprio ciclo biológico, seu cuidado corpóreo, sua

integridade física e mental, sua seguridade humana, para alimentar as medidas cronológicas do progresso, que deveriam ocorrer da maneira mais veloz possível, mesmo significando mais iniquidade. Mas se o progresso valia todo o esforço, esse esforço deveria ser provido, em sua base argumentativa, por uma classe pensante dominadora e detentora do capital, mesmo porque, em sua visão, o trabalhador, desprovido das condições básicas de existência – a propriedade e o capital – estaria desprovido de quaisquer possibilidades de pensar e projetar-se por meio dessa lógica no plano mental e material. Não teria, portanto, condições de concorrer ao discurso dominante, salvo pelo trabalho que lhe era imposto como pequena moeda de participação no seio dessa cultura.

Se assim o era, também era necessário definir perfis de indivíduos dispostos a trabalhar. Estariam de fora todas aqueles que não correspondessem aos atributos requeridos pela sociedade moderna e racional: indivíduos fortes e saudáveis, o que já eliminaria um contingente social considerável de indivíduos, a exemplo de velhos, deficientes e mulheres - até então sem espaço para atuar no mundo do trabalho. O trabalhador deveria cumprir todas as exigências das máquinas, operá-las, tratá-las, alimentá-las com braços e

pernas e de energia para mantê-las produzindo, a despeito de sua própria condição enquanto ser humano.

Se operar máquinas e receber ordens era a tônica vigente, também é verdade que para operar toda a parafernália engendrada pelo homem, o corpo, concebido também dentro de uma visão objetiva/mecanicista, como pontuada anteriormente, era uma “peça” a mais, que deveria manter-se satisfatoriamente funcionando e operando em sua capacidade máxima de produção, não importando se dia ou noite. O operário, dono desse corpo, deveria então, manter-se firme e íntegro para o processo automático. Não lhe valeria moeda ter o corpo esmaecido, fraco. Deveria manter-se, qual lógica reprodutiva social, sadio para operar as peças do sistema do qual ele não era senão uma peça a mais, e diga-se: peça de uso e não de conservação; quando de reposição, por outro – sairia muito caro para o sistema recuperá-lo. Melhor descartá-lo, dada a existência de outros corpos para substituí-lo, de muitos corpos para um único posto, para um único corpo, cujo espaço, inevitavelmente, absorveria apenas um.

A característica marcante desse mundo é que ele opera sob uma visão/ação científica, técnica e industrial, cujo processo de abordagem social, dentro dos parâmetros

concebidos, especialmente no seio da revolução industrial, absorve o corpo social, ao operar sobre os corpos sociais, uma ação proeminentemente ativa de reprodução e desgaste, na medida em que utiliza os corpos individuais como se fossem máquinas e, desse modo, maquinando sua ação e apostando na previsibilidade de suas atitudes, uma vez concebidas pela racionalidade que se esmera em atribuir noção de progresso inevitável e civilizatório à sociedade. Sustenta-se com base na exploração da natureza e do homem e de seus corpos, ao submetê-los a um extremo exame de força e de resistência física nos seus pátios de transformação de matéria, de produção e exploração capitalista. Mesmo a pretensa intenção ou o discurso vacilante de uma suposta preocupação em sanear os espaços do trabalho para garantir ambiente salubre também suscita intenções de mais apropriação. Significa dizer que a intenção não é manter o corpo operário saudável para uso em benefício próprio, mas operário “são” para produzir ainda mais e garantir a reprodução do sistema em todas as esferas sociais.

Desse modo, engendra ainda mais a noção de progresso, ao passo que incorpora novos discursos e novas práticas numa perspectiva de acumulação que visa domesticar corpos para usufruí-los da forma

que melhor convier, não para o indivíduo que desprende e vende – a migalhas – a força de trabalho, mas para maquinar a vida social, como se essa reprodução fosse a medida de todas as coisas, e diga-se: como tão bem conseguiu, infelizmente.

3 CORPO E SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Vivemos imersos numa sociedade em que a crença desenfreada no progresso – virtual e de consumo – e a noção de perda das grandes certezas e a imersão na insegurança, são categorias que se desenham pelas mãos do homem e que se operam velozmente. Tal empreendimento da sociedade pós-moderna, ao ser colocada sob esta perspectiva, requer análise e compreensão das concepções dessa nova realidade. Compreendê-la significa reconhecer que o homem, em curto espaço de tempo – menos de um século – conseguiu transformar e decompor grandes certezas colocadas pelo projeto moderno: segurança, universalismo, progresso e desenvolvimento como sinônimos de garantia de um mundo melhor.

Essa discussão não significa colocar-se opostamente a esse ou àquele modelo, mas apreendê-lo. Se existe um modelo que suscita e abre campo para essa discussão, é a sociedade pós-moderna, momento peculiar e

complexo, cujos desdobramentos muito definem a forma de ser, viver e sentir o mundo contemporâneo. Não trataremos de definir o projeto pós-moderno visto tratar-se de uma matéria que vai além do alcance de nossa proposta. Tentaremos conversar sobre o consumo do corpo como objeto de reflexão desta abordagem.

Tomando a análise de Lucero (1995), corrobamos o pensamento de que na sociedade industrial há uma liberação dos fluxos do desejo, operada por uma descodificação do *socius*, que funda um exercício intenso da individualidade marcada pela propriedade, pelo consumo e pela marginalização dos que não conseguem manter-se no fluxo da normatização que perpassa o industrialismo capitalista.

Dessa forma, acende-se uma intensa discussão sobre o consumismo na sociedade industrial pós-moderna. O consumo de bens, de serviços e de gostos aflora intensamente. Ao colocar “A Cultura do Narcisismo” de Christopher Lasch e Lucero (1995) aborda que a sociedade de consumo é orientada por uma ética centrada no individualismo e na resolução individual de problemas. A sociedade de consumo é aquela em que toda uma série de possibilidades se apresenta aos indivíduos de todas as classes, não mais restrita aos afortunados.

Nessa sociedade, o corpo é direcionado ao consumo planejado. Nela, os indivíduos são levados a buscar sua própria felicidade. Essa felicidade é assinalada por Baudrillard como a referência da sociedade de consumo, um equivalente à salvação.

Situando o consumo, David Lyon (1998) argumenta que, para compreender a pós-modernidade e o pós-modernismo, é preciso compreender o surgimento do consumismo e a criação contemporânea do novo consumidor.

(...) As mudanças no capitalismo e no industrialismo que se seguiram à explosão consumista do pós-guerra nas sociedades avançadas produziram o que Bell chamou de pós industrialismo. (...) essas mudanças são agora consideradas mais significativas à medida que o material e o social se projetam para as condições pós-modernas. Assim, a pós-modernização tem a ver com o panorama industrial alterado, com sua produção móvel, flexível, a convulsão na estrutura ocupacional que coloca os serviços e os assim chamados operários da informação numa maioria, e um mundo comprimido, onde novas tecnologias tornam possíveis não somente novos métodos de produção, mas diferentes formas de relações sociais (LYON, 1998, p. 84-85).

David Lyon, ao colocar essa nova configuração, também problematiza a capacidade de adaptação da modernidade:

[...] uma característica marcante da era moderna é a habilidade de se adaptar, de encontrar novos modos de produzir, de comunicar... Embora

Marx estivesse certo ao observar as tendências erosivas do capitalismo – ou da modernidade em geral – do mesmo modo que o sólido se desfazia em ar, algumas alternativas evoluíram para substituir o “sólido”. A crença na Providência, que uma vez sustentava a confiança em relação ao futuro, encontrou um substituto no Progresso. De modo semelhante, a Revelação teve seu significado social reduzido, descobrindo que o seu lugar foi ocupado pela Razão. Nos inícios do século vinte, o modernismo, visto no surrealismo, no cubismo, no fluxo de consciência da literatura ... ainda oferecia perspectivas positivas. A cidade como máquina faria o sentido perfeito da situação moderna, criando condições para um futuro racional e de progresso. [...] é precisamente essa suposição, a de que a modernidade tem capacidades ilimitadas para adaptação através de uma fusão de racionalidade e progresso, que é hoje questionada em questão. Habermas a chama de “crise de legitimação”. Não são somente as velhas instituições e centros de autoridade – religião, realeza, tradição – que são criticados e contestados ... Não somente a verdade e a justiça parecem conceitos um tanto questionáveis; também a redução de tudo a valores de troca parece remover todos os valores permanentes [...] (LYON, 1998, p. 85).

Para o autor “o pós moderno é relacionado com uma sociedade em que os estilos de vida do consumidor e o consumo de massa dominam a vida de seus membros”. Em sua visão as oportunidades não têm limites e a busca por novos nichos de mercado não param. Os serviços se multiplicam juntamente à realidade virtual. Na sua visão.

[...] A posição antes mantida pelo trabalho, no capitalismo moderno, agora é assumida pela liberdade do

consumidor atrelada ao mercado de consumo”. Questões de controle, o direito de autogerir, são deslocadas da fábrica para a loja. Consumir, não trabalhar, se torna o “eixo em torno do qual o mundo da vida gira. O prazer, uma vez visto como o inimigo da industriabilidade capitalista, agora desempenha uma função indispensável (LYON, 1998, p.101).

Ao analisar a sociedade de consumo, Baudrillard (1995) faz uma análise contundente e crítica, enfatizado que os benefícios do consumo não se vivem como fruto do trabalho ou de processos de produção, mas como milagre, na prática cotidiana social. Alude que nossa sociedade é objetivamente uma sociedade de produção, uma ordem de produção, mas que nela existe uma “ordem de consumo”, que se manifesta como ordem de manipulação dos signos. Nessa sociedade os bens de consumo apresentam-se como poder apreendido e não como produtos trabalhados. A profusão dos bens experimenta-se, depois de cortada das determinações objetivas, “como uma graça da natureza”, como maná e benefício do céu. Desse modo, o consumo existe como mito já que a fé no consumo surge como elemento novo, sendo as gerações doravante herdeiros dos bens e do “direito natural à abundância”.

O lugar do consumo é a “vida cotidiana”, que não é apenas a soma dos fatos e gestos diários, a dimensão da banalidade e da repetição, mas um sistema de

interpretação. A quotidianidade enquanto reorganização da vida de modo involutivo. Enfatiza que as comunicações de massa não nos fornecem a realidade, mas a vertigem dela. Em sua concepção, vivemos ao abrigo dos signos: “A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que consumimos, é a própria tranqüilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais que compromete, a alusão violenta do real” (BAUDRILLARD, 1995, p. 24). Sob esse prisma, os meios de comunicação não orientam para o mundo, pois oferecem como produto de consumo signos atestados pela caução do real, sendo possível organizar um esquema da praxis do consumidor.

A análise da sociedade de consumo, especialmente da abundância das sociedades ricas está associada ao desperdício. Isso porque a noção de utilidade, como assinala Baudrillard, de origem racionalista e economista, tem de rever-se de acordo com uma lógica mais geral, na qual o desperdício é muito mais que um resíduo irracional, mas uma função positiva, “substituindo a utilidade racional numa funcionalidade social superior e se revela, no limite, como a função essencial”, e como tal “tornando-se o aumento da despesa, o supérfluo, a inutilidade ritual do gasto para nada, o lugar de produção de valores, das diferenças e de sentido individual e social”.

Na verdade, o objeto produzido se reveste de efemeridade, já que aquilo que hoje se produz não se fabrica em função do seu valor de uso ou de duração, “mas antes de tudo em função de sua morte, cuja aceleração só é igualada pela inflação dos preços”. Desta forma, “a sociedade de consumo precisa dos seus objetos para existir e sente sobretudo necessidade de os destruir” (BAUDRILLARD, 1995, p. 42-43).

A efemeridade desse sistema de produção não se reduz apenas nos planos enfocados anteriormente, mas também em relação aos indivíduos: homens e mulheres.

Como assinala Baudrillard,

[...] O consumo define-se pela substituição da relação espontânea mediatizada por meio de um sistema de signos. A propósito se a mulher se consome é porque a sua relação se encontra objetiva e alimentada por signos, signos estes que constituem o modelo Feminino que, por sua vez, surge como o verdadeiro objeto do consumo. É a ele que a mulher consome, ao personalizar-se... a mulher não pode racionalmente confiar no fogo do seu olhar, nem na doçura da sua pele [...] Não tem comparação valer pelas qualidades naturais e fazer-se valer pela adesão a determinado e segundo um código construído (BAUDRILLARD, 1995, p. 97).

Baudrillard denomina a isso de “feminilidade funcional” em que todos os valores naturais se esvaem em função de valores exponenciais.

Essa feminilidade funcional corresponde à masculinidade ou virilidade funcional. Muito naturalmente, os modelos ordenam-se aos pares. Não resultam da natureza diferenciada dos sexos, mas da lógica diferencial do sistema. A relação do Masculino e do Feminino aos homens e às mulheres reais é relativamente arbitrária. Homens e mulheres hoje em dia, acabam cada vez mais por significar-se indiferentemente nos dois registros, mas os dois grandes termos da oposição significativa, em contrapartida, só valem pela respectiva distinção. Os dois modelos são descritivos: regulam o consumo (BAUDRILLARD, 1995, p. 97).

Por essa perspectiva, “também a sedução e o narcisismo são previamente revezados por modelos, industrialmente produzidos pelos “mass média” e transformados pelos signos referenciáveis ... Cada qual encontra a própria personalidade no cumprimento de tais modelos” (BAUDRILLARD, 1995, p. 97).

Para que tais modelos realmente se afirmem, os meios de comunicação têm um papel fundamental, visto ser através dele, enquanto objetos do milagre da sociedade contemporânea, em que melhor se firma toda o seu projeto. E para que todos os modelos sejam multiplicados em imagens e significações, todo o aparato midiático vislumbra levar a todas as pessoas a idéia de que é preciso continuar as imagens dos meios na vida cotidiana dos indivíduos. Indivíduos comuns buscam a (a)firmação de seus corpos

com vultos em corpos de outras pessoas – belas e quase sempre sensuais – como se esses corpos fossem a medida de todas as coisas, uma perseguição de cultivar a imagem de si mesmos como reflexo positivo do outro, um espetáculo de ilusão.

E o espetáculo é possível, graças a uma ideologia que cada vez mais se torna dominante, à medida em que extrapola a ação – é ideológico – e impera como média de toda a cultura. Como bem enfatiza Debord (1997), o espetáculo é a ideologia por excelência, visto expor e manifestar a essência de todo sistema ideológico, que causa empobrecimento, sujeição e a negação da vida real.

Para Debord, o espetáculo é a “expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem”. A nova força do embuste que nele se concentrou tem por base essa produção, pela qual “com a massa de objetos cresce... o novo domínio dos seres estranhos a quem o homem fica sujeito” (DEBORD, 1997, p. 138).

Debord, ao tratar do espetáculo, como próprio de nossa época, busca introduzir a idéia do fim dos limites do sujeito, dos limites do eu.

O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu [mo] e do mundo pelo esmagamento do eu [mo] que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida,

diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência. Quem sofre de modo passivo seu destino cotidianamente estranho é levado a uma loucura que reage de modo ilusório a esse destino, pelo recurso a técnicas mágicas. O reconhecimento e o consumo das mercadorias estão no cerne dessa pseudo-resposta a uma comunicação sem resposta. A necessidade de imitação que o consumidor sente é esse desejo infantil, condicionado por todos os aspectos de sua despossessão fundamental... (DEBORD, 1997, p. 140).

Esse espetáculo não poupa homens e mulheres, os coloca como peças de um modelo, encaixes de uma forma. Baudrillard, ao referir-se a esse aspecto, enfatiza que homens e mulheres aparecem como modelos diferenciais, importando não confundir com os sexos reais, nem com as categorias sociais. Sua análise alude que o homem moderno é convidado a comprazer-se e a mulher é convidada a escolher e concorrer, a ser exigente. Desdobramentos “à margem de uma sociedade em que as respectivas funções sociais, econômicas e sexuais se encontram relativamente mescladas” (BAUDRILLARD, 1995, p. 99).

Ao colocar a atenção no corpo, esse espaço de inúmeras discussões, alguns o colocam como um território a ser explorado. Para Sant’Anna (2001), explorar e conhecer o corpo é supor que ele contém as últimas fronteiras supostamente naturais a serem desvendadas. Na hipótese do corpo como

espaço do exercício da liberdade individual, o corpo é escolhido como lugar de inúmeras explorações e experiências, pois pode ser considerado a “última posse” que resta ao indivíduo, ou o único território no qual o ser humano pode exercer a sua liberdade de transformação”. Sant’Anna expõe que “numa cultura que reconhece as pessoas a partir daquilo que elas possuem e daquilo que elas conseguem acessar, ter um corpo e suas “senhas” de acesso, representa uma riqueza invejável”.

A busca incessante em se realizar pelo corpo é, para alguns indivíduos, uma fonte de descontrole e sofrimento se existe distância entre o corpo que o indivíduo quer e o que ele de fato tem. Isso ocorre porque em nossa sociedade o corpo tornou-se uma instituição muito importante, em que é necessário modificar aparências como forma de reinscrever o indivíduo no seio da mesma sociedade, ao passo que homens e mulheres refazem seus corpos e desejam virilidade e eterna juventude, balizados, sobretudo, pela indústria cultural, que introjeta processos combinatórios de síntese midiática, especialmente a publicidade, em que, os próprios modelos, são constantemente modificados e de maneira cada vez mais precoce, colocando-os em posição quase desesperadora de não perderem seu prestígio

e luz por um sucessor mais jovem e mais bonito, e que cumpra, pelo menos, de forma efêmera, o papel que lhe cabe na atual cultura de massa, o descarte, quando as peças não mais se encaixam no modelo pré-estabelecido.

O corpo sofre assim, um processo metamorfósico, que se reflete em todos os campos da vida frente às exigências de padrão requeridas socialmente no seio pós-moderno. As modificações do corpo encontram abrigo nos hospitais (cirurgias estéticas), nos laboratórios (novos produtos para rejuvenescimento e de beleza), e sobrevivem ao abrigo da mídia.

Ocorre que, no plano da discussão, as transformações do corpo, desse corpo social, pode ser percebido, de fato, como importante redescoberta do corpo, à medida que nos permite indagar, refletir e buscar compreender esse processo, lógico que sob uma postura crítica, mas sem negar a riqueza de problematização que instiga. É prudente pois, considerar todas as possibilidades de análise e de visões que os indivíduos tem sobre o corpo.

Para uns, numa época de perda de antigas referências... em lugar de emancipar os corpos, tende-se a emancipar-se *dos* corpos. Como se o corpo deixasse de ser suficiente, justamente quando ele estaria supostamente liberado da alma e das coações morais do passado. Corpo obsoleto, não porque ele seja inferior à alma, mas porque ele não é capaz de acompanhar a sofisticação das

máquinas e do pensamento. Para outros, os corpos se tornaram híbridos da natureza e cultura pouco promissores, que nem sempre sugerem novas possibilidades de vida e de criação além do que se considerou humano e não-humano até então. Em certos casos, há receio dos “corpos frankensteins”, misturas de carne e silício, hoje produzidos em massa e não apenas por médicos e homens considerados loucos. É quando não é possível saber onde termina o artifício e começa a natureza (SANT’ ANNA, 2001, p. 22).

O corpo é, pois, concebido como máquina dentro de uma visão mecânica. Por essa concepção, na visão de Silva (2001), sendo o corpo uma máquina natural, se diferenciaria de outras máquinas pelo seu grau de complexidade e a condição humana de construir “artefatos”, especialmente via inovação tecnológica da bioengenharia, informática e robótica, que resultam em implicações “éticas e suas consequências práticas” que suscitam dúvidas e reflexão.

Os avanços da ciência e da técnica são projetores de grandes mudanças, que atravessam da saúde à informática: previsões espetaculares para o novo século – hoje real. Inovações tecnológicas e avanços científicos penetraram nos corpos e nos modos de vida dos sujeitos: engenharia genética, cirurgia a laser, transplantes, silicones, alimentos transgênicos, esteróides anabolizantes compõem um instrumental contemporâneo

diversificado que redimensiona o corpo (FRAGA, 2001).

A produção pós-moderna busca materializar-se no corpo, constituindo-se nele como produto cultural. Conforme Gallagher e Laqueur (apud, FRAGA, 2001), não se trata tão somente da forma através da qual se percebe o corpo e sim como o corpo tem sido distintamente vivido ao longo dos anos. Nele investe-se diversas tecnologias e meios de controle e “incorporado dentro de diferentes ritmos de produção e consumo”.

De acordo com Fraga,

[...] o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares: que ele é marcado e distinguido muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica. (apud FRAGA, 2001, 65).

Se situarmos toda essa discussão tendo por base uma ideologia de consumo, ao que me parece todos os esforços nesse campo intentam isso, o corpo reaparece, lógico, como fronteira de uma sociedade de consumo, locus para exploração capitalista. O corpo pode ser percebido em função da agregação de seu valor, como noção privilegiada para a excelência da “exibição” que devem fazer – os corpos – para servir a

toda uma rede de produtos em função do corpo, que precisa de movimento, imagem, rigidez, musculatura para que se torne operacional e comercializável, também.

Paralelamente a tudo isso, todas as conquistas e os esforços para maximizá-las por uma estética corporal pela sociedade, ocorre, quase sempre, pelo uso de promessas, a exemplo de uma “conquista de juventude eterna”, de corpo esbelto e belo e outros atributos (SOARES, 2001).

Como bem frisou Fridman,

[...] Inovações estéticas e de linguagem estão associadas à motivação para consumir pelos investimentos libidinais em torno das mercadorias. A mídia expande a coisificação em um dinamismo que não se reduz a um derivativo ou superestrutura, que acompanha ou é determinada por um movimento já existente do capital. Trata-se de uma produção cultural muito mais sofisticada, realizada por pessoas talentosas, imprescindível à nova lógica do capitalismo [...] (FRIDMAN, 2000, p. 29).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o corpo não esgota qualquer possibilidade e levanta novos questionamentos. Sendo a sociedade pós-moderna uma sociedade virtual de imperativo signífico, a existência dessa nova fronteira para exploração capital tende a expandir-se e permear-se ainda mais no corpo social.

Extrapolando a dimensão dos modos de produção tradicionais, inscreve um novo estatuto: o do consumo.

É bem verdade que algumas análises superdimensionam algumas questões, ao quase decretarem a morte do “sujeito”, por exemplo. Contudo, o processo engendrado pelo consumo tende a massificar ainda mais e a impor seu ritmo, dadas as forças que nele convergem: sociais, políticas, culturais e econômicas. Se as formas produtivas tradicionais tornaram-se vacilantes e se empalideceram, novas formas tendem a assumir tal condição, reconfigurando o sistema produtivo, para operar dentro de uma nova lógica, perpassando os antigos conglomerados industriais de transformação de “materiais pesados”, redimensionando a própria condição social ao projetar-se no espaço virtual da indústria de serviços e de tecnologia “mágica”: as tecnologias de comunicação e o mundo da mídia com seu poder de persuasão e dissuasão; das telecomunicações e seu fluxo intercontinental; dos sistemas computacionais em rede.

A expansão avassaladora dessas tecnologias introduziu novas abordagens discursivas em função das transformações imprimidas pelo homem e pelo reflexo de sua ação em seu próprio corpo, que ao mesmo tempo reflete o poder dessas mesmas

tecnologias, as quais repercutem e alcançam o cotidiano dos indivíduos na pós-modernidade. O corpo adquire valor de moeda na medida em que modelos comportamentais e estéticos podem ser introduzidos e manipulados, de tal maneira que se opera não mais nas comparações, mas na diferenciação.

Para concorrer a essa exigência, muitos homens e mulheres tendem a exigir do próprio corpo novas possibilidades de prolongá-lo ao mesmo ritmo das inovações mercadológicas e de consumo. Buscam a imagem refletida no espelho de outra pessoa, prendem-se a modelos, não admitem deslize performático. Seus corpos devem render qual motor do último modelo automotivo, como se conseguissem equivaler-se ao rendimento da máquina, objeto de seu desejo de consumo.

O corpo é regido, pois, por uma dinâmica condicionada pelo performático, pelo solúvel e pelo fragmentário, uma vez que o indivíduo, ao diferenciar-se imagina encontrar a sua individualidade, na crença de que cada produto de consumo tenha sido feito especialmente para ele. Redimensiona-se o corpo e é possível transfigurá-lo. Essa possibilidade encontra na publicidade sua propagação concreta: lojas, supermercados, ruas, esquinas e a parafernália dos meios de comunicação distribuem modelos, cujo discurso individualista indica que se deva tê-los

como molde social de tudo o que é bom e significativo. Essa pretensa supremacia é tanto melhor quanto mais precedida por um corpo ligado ao sucesso, à viralidade, ao prazer e que represente ainda a possibilidade – planejada – de uso simultâneo de milhares de pessoas que, preferencialmente, acreditem ter para si, esses mesmos modelos, neles se sintam refletidas.

O mundo pós-moderno engendra a efemeridade e o consumo, no qual, se acredita

que o imagético do corpo comporta entrada em todos os patamares da vida social. Sendo assim, lojas, casas e ruas, são passarelas e funcionam como vitrines, por onde desfilam, de forma passiva, indivíduos detentores de um “corpo modelo”; locais de experimentação e prova desses modelos; e prováveis dissabores naqueles que não se enquadram no molde social de tal modelo.

NATURAL ELEMENT OF THE TECHNICAL INSTRUMENTS: some reflections on the body

ABSTRACT

The goal of the current paper is to reflect how the body is traversed by society, by modern and postmodern culture, that constitute historical processes that reconfigure the notion and use of the body by the society. The perception of the body as a socially and culturally constructed element of these processes is employed in this work. We seek to characterize the body in modernity as a rational element, over which an endless series of requirements is printed to account for all the modern effort, caused by the progress engendered by science and technology, and industrial production. Reflecting on postmodernity, we argue that society is even more steeped in the in faith of progress, based on the "virtual" and on the consumption, being characterized by the speed of social change whose consequences reach the individual and social body. Operated by the technological world of image and communication that defines consumption, the body becomes password to access social and cultural world.

Keywords: *Body. Modernity. Post-Modernity.*

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Notas introdutórias ao modo tecnoburocrático ou estatal de produção. **Estudos Cebrap**, v.20, p.77-109, abr./jun., 1977.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FRAGA, A. F. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas**: configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LUCERO, N. A. A. O corpo redescoberto. In: **CORPO, mulher e sociedade**. Campinas – SP: Papyrus, 1995.
- LUZ, M. T. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- LYON, D. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.
- MEDINA, J. P. S. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. Campinas: Papyrus, 1987.
- SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SIEBERT, R. S. S. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas – SP: Papyrus, 1995.
- SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano 19, n. 48, p. 7-29, ago., 1999.
- SILVA, A. M. A natureza da physis humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, C. L. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.